



ALEGRIAS E TRISTEZAS DE UMA EDUCADORA ALEMÃ NO BRASIL

Luis Piza Sobrinho chamou a nossa atenção para o livro de Ina Von Binzer editado pela Anhembi em 1956. Trata-se de depoimento de uma grande interesse para o conhecimento da realidade brasileira na segunda metade do século XIX. Esse valioso depoimento construído no gênero epistolar revela fina observação dos costumes brasileiros da época. O original foi publicado em mil oitocentos e oitenta e tanto. A autora viveu em São Paulo e no Rio ensinando filhos de abastadas famílias dessas regiões do país. A obra foi traduzida para o português por dona Alice Rossi e Luísa da Gama Cerqueira.

O livro tem uma apresentação de Paulo Duarte e um prefácio de Yan de Almeida Prado. A professorinha alemã lecionou aos filhos de Martinico Prado (os Costas), frequentou a casa dos Schumann, proprietários da Botica Veado de Ouro, prelecionou na casa de Bento Aguiar de Barros (Souzas). O trabalho em tela tem particular interesse para Café nos Livros.

Logo na primeira carta Ina Von Binzer nos faz lembrar uma época bem recente, na qual Buenos Aires era tida como capital de nosso país:

"Fazenda S. Francisco, 27 de maio de 1881.

Minha cara Margarida. "Fazenda" significa plantação.

Sinto muito não escrever "haciend", pois vocês provavelmente ainda estão convencidos de que assim é que se diz e terei de decepçã-las desde as primeiras linhas de minha carta. Consolsem-se comigo: aconteceu-me o mesmo mas continuo achando adorável termos confundido inocentemente espanhol com português".

E logo depois:

"A segunda destilusão vai ser para vocês minha viagem do Rio de Janeiro até cá: não lhes poderei contar nenhum assalto dos indígenas e nem mesmo uma luta contra os tigres, quando no mínimo vocês esperavam uma descrição das cobras gigantes".

Outro tópico de sua carta registra com fina ironia:

"O dr. Rameiro veio buscar-me. Não sei porque o chamam de "doutor" e duvido muito que éle próprio saiba encontrar a razão desse tratamento. A única explicação verossímil seria a de que todo o brasileiro bem colocado na vida já nasce com direito a esse título, o que em parte me parece uma falta de modéstia; mas diante da realidade, seria estúpido exigir que eles o fossem conquistar a custa de estudos tão difíceis quanto necessários".

Não escapou a Ina Von Binzer a influência que a França exerceu sobre a cultura brasileira: "Ele falava português e eu francês. Parece que não existem quase brasileiros que não falem francês, embora ora deles possuam apenas uma vaga noção sobre o país a que essa língua pertence, ignorando mesmo que existem mais algumas cidadezinhas além de Paris. Na cabeça da preta que me serve — a minha negra — Paris corresponde a todo o lugar fora do Brasil".

Ina Von Binzer descreve o ambiente predominantemente na casa da fazenda:

"O Dr. Rameiro possui ainda cerca de 200 escravos e escravas. A maior parte, naturalmente, trabalha nos cafezais; mas em casa são também numerosos, apesar de não terem muito o que fazer.

Num salão iluminado por luz de claraboia parecendo um grande corredor, ficam sentados um preto e uma preta, cada qual com sua máquina de costura, matraqueando o dia inteiro. Em volta delas, pelo chão, e no outro quarto, também com jeito de corredor, contíguo à cozinha, sentam-se mais dez ou doze pretas costurando e tendo cada uma a seu lado um balaio onde se encontra detida uma criança; é claro que, dessa coleção, ao menos uma esteja chorando, visto que para esse trabalho manual são empregadas somente pretas com crianças que não podem abandonar. Nas outras salas, porém, não faltam os balaio de onde se desprendem choradeiras".

A professorinha alemã estranha a falta de batata e de pão de trigo. Admirou-se com a quantidade de doces da casa brasileira. Em certo ponto confessa: "Já fiz boa camaradagem com o feijão preto e com seu inseparável bolo de fubá sem sal, o angu; já ando namorando a farinha de milho e a de mandioca que vêm à mesa em cestas de pão e que os brasileiros misturam com feijões cheios de caldo: não demorando muito em apaixonar-me pela carne de carneiro seca pelo sol, com a qual nos regalam frequentemente ao almoço. Não me despreze, Grete, pois não há outras coisas aqui.

Se acrescentar às iguarias acima referidas arroz cozido n'água e côr de tijolo de tanto tomate terá à mesa o "menu" do ano inteiro".

Refere-se à "epidemia pianística" dessa época. "Em geral, nota-se a pouca inclinação dos brasileiros para as artes plásticas, o que não se deve estranhar, visto demonstrarem muito maior atração pelas artes declamatórias, mais de acôrdo com o seu temperamento.

O brasileiro é orador nato: declama quando fala um frase mais longa e todos adoram a música, principalmente a italiana, além de operetas francesas e Meyerbeer". Também não lhe escapou o costume do brasileiro cuspir a torto e a direito: "O brasileiro considera a abundante salivagem em volta de si como um fato inofensivo, possuindo em suas casas um completo equipamento para esse fim: dos dois lados dos seus incomodos sofás de palhinha vêm-se as mais lindas e coloridas escaradeiras, sempre aos pares, tão grandes que a princípio pensei que fossem vasos para flores...".

Na verdade evoluímos no tocante aos hábitos higiênicos, mas o mesmo não podemos falar no tocante aos hábitos discursivos: "Dão a vida por falar, mesmo quando é para não dizer nada. Com a eloquência que esbanjam num único discurso, podem-se-lhes compor facilmente dez em nossa terra; embora não possuam verdadeira elo-

quência nem marca da personalidade, falando todos com a mesma cadência tradicional usada em toda e qualquer circunstância. Tudo é exterior, tudo gesticulação e meia cultura".

Também merece um destaque essa passagem de uma de suas cartas: "A aristocracia deste país é originalíssima, fazendo parte da gente que emigrou de Portugal para vir trabalhar no campo e chegou aqui de pés descalços!

Mas os barões, marqueses e viscondes da fábrica de D. Pedro, representam uma boa rendizinha para o Estado. Pena é, que o Marquêsado adquirido por preço elevíssimo seja enterrado com seu feliz comprador.

D. Pedro não confia no seu zé-povinho de sangue esquentado; o pai é barão, mas o filho será talvez um revoltoso, de maneira que não se concede a hereditariedade".

Em outro ponto desse painel sobre uma fase da civilização do café assinala:

"Inexplicavelmente, os brasileiros não sentem tanto frio, como se podia notar ontem à noite, na festa de S. João, santo muito querido neste país.

O Dr. Rameiro organiza essa festa todos os anos, nesse dia, também onomástico de um filho, atualmente na Europa (com certeza em Paris).

Para os escravos, é uma espécie de festa da colheita, porque ao mesmo tempo termina a colheita do café.

Acho sempre interessante ver chegarem as carroças cheias dos frutos do café, de volta dos cafezais para as imensas salas das máquinas onde, em perfeitas instalações planejadas pelo Dr., são preparados para o comércio.

No último domingo, passeamos travez de uma plantação de uma milha quadrada. As árvores, aliás os arbustos, pareciam-se com os de avélas, um pouco maiores, tendo ainda frutos brilhantes e pontudos. O Dr. Rameiro contou que esse cafézel tem a idade de 25 anos, podendo produzir até 40; depois começa-se a explorar novo pedaço de terra já há algum tempo cultivado. A plantação mede 3 milhas quadradas mas o modo de exploração é bastante original. A maior parte da terra não é cultivada; quando é necessário aproveitá-la, queima-se então o que ali cresce, sendo às vezes atingidas sem piedade as mais lindas matas virgens, cujas cinzas e troncos apodrecidos servem como o melhor dos adubos.

Não pode existir aspecto mais alucinante do que esse, do milharal crescendo viciado e pujante na selvagem desordem dos destroços sapecados ou inteiramente carbonizados.

Em nossa terra, é impossível fazer-se idéia de tamanha confusão, não de tal esbanjamento.

Aqui, cada dia mais, se vai abandonando essa maneira canibalesca de desbravar a terra; mas até hoje não é tão rara como os brasileiros pretendem fazer crer, e antigamente era hábito comum".

Mais adiante:

"Quando atravessamos a plantação, os pretos estavam trabalhando, porque o domingo para os escravos desta fazenda cai na quarta-feira. A lei exige um feriado por semana para eles, mas deixa ao patrão o direito de escolher o dia que melhor lhe convenha, de maneira a não coincidir com o feriado da fazenda vizinha, evitando assim as relações dos pretos entre si.

Foi muito pitoresco apreciar aquelas figuras negras de blusas claras, colhendo o café e enchendo rapidamente as cestas, entre os arbustos escuros mas reluzentes. Os pretos aqui são muito bem tratados e aqueles que colhem mais do que uma determinada quantidade de cestas, recebem uma gratificação.